

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE DESENVOLVIMENTO CIENTÍFICO E TECNOLÓGICO
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE FUNDAMENTOS DA EDUCAÇÃO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM PSICOPEDAGOGIA**

**SOCIALIZAÇÃO NA FAMÍLIA E SEUS EFEITOS NA APRENDIZAGEM
ESCOLAR**

RAIMUNDO NONATO DE CARVALHO

**FORTALEZA – CEARÁ
2005**

SOCIALIZAÇÃO NA FAMÍLIA E SEUS EFEITOS NA APRENDIZAGEM
ESCOLAR

RAIMUNDO NONATO DE CARVALHO

MONOGRAFIA SUBMETIDA À COORDENAÇÃO DO CURSO DE
ESPECIALIZAÇÃO EM PSICOPEDAGOGIA COMO REQUISITO PARCIAL
PARA OBTENÇÃO DO GRAU DE ESPECIALISTA PELA UNIVERSIDADE
FEDERAL DO CEARÁ

FORTALEZA – 2005

Esta monografia foi submetida como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Especialista em Psicopedagogia pela Universidade Federal do Ceará e encontra-se à disposição dos interessados na Biblioteca Central da referida Universidade.

A citação de qualquer trecho desta monografia é permitida, desde que seja feita de conformidade com as normas da ética científica.

Raimundo Nonato de Carvalho

MONOGRAFIA APROVADA EM: ____/____/____

Professora Dra. Gláucia Maria de Menezes Ferreira
Orientadora

RESUMO

A educação é um dos fatores de maior contribuição para que o homem e a sociedade, como um todo, atinjam suas metas de cidadania. A época moderna exige que todos pensem em uma escola capaz de atingir o homem por inteiro, ativando sua inteligência, seus sentidos e sua vontade, para que caminhe livremente na direção de positivas ações. Urge, também, que a família, juntamente com a escola, realize um trabalho integrado conscientizando-se de que o espírito de cooperação nas relações de pais e mestres trará sempre resultados positivos. Traz uma demonstração da necessidade do trabalho participativo que envolva os diversos agentes da área educativa. Mostra que a área da educação tem como objetivo o resgate de uma visão mais globalizante do processo de educação e, conseqüentemente, dos problemas decorrentes desse processo. O trabalho segue apresentando a importância da parceria família/escola no processo de aprendizagem do educando. Retrata que a família, como primeiro sistema de educação da criança, recebe total credibilidade por parte desta; representando, assim, a instituição que detém maior grau de condições para orientá-la. Mostra, também, a realidade do envolvimento dos pais com o processo educacional e de socialização e seu condicionamento as relações que se desenvolve no seio da família. Aborda aspectos importantes como um modelo sistêmico de se entender as dificuldades da educação, a importância da estrutura familiar, da formação da identidade, do funcionamento familiar, as mudanças que se fazem necessárias dentro do projeto educacional vigente no nosso país exigem o comprometimento não só das escolas, mas também da família da comunidade e de toda a sociedade. Conclui que, somente através de uma ação multidisciplinar envolvendo todos os profissionais afins e, principalmente, levando-se em conta a formação plena e renovada do corpo docente, conduziria-se ao desenvolvimento de todas as potencialidades do educando, tornando-o realmente em agente transformador da sociedade capaz de auto promover-se como cidadão.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	05
1. CARACTERIZAÇÃO DE FAMÍLIA NA SOCIEDADE MODERNA.....	07
1.1 A Educação na Família e na Escola.....	10
1.2 Escola x Família: O Papel de Cada uma na Educação.....	12
2. PAPÉIS DOS PAIS.....	15
2.1 A Educação é o que se Pode Fazer do Homem de Amanhã.....	17
2.2. A Escola Tem O Compromisso de Promover O Desenvolvimento e A Socialização de Seus Alunos.....	20
3. PROBLEMAS DA FAMÍLIA NA EDUCAÇÃO DOS FILHOS.....	25
3.1 A Família como Agente de Educação Informal.....	27
3.2 Pais e Escola: Um Só Objetivo.....	28
4. EDUCAÇÃO E DISCIPLINA.....	30
4.1 Conversas com Os Filhos.....	32
4.2 Problema de Autoridade dos Pais.....	33
5. DEMANDA SOCIAL.....	35
5.1 A Socialização do Indivíduo Põem em Ação Os Ideais Educativos.....	35
CONCLUSÃO.....	43
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	46

INTRODUÇÃO

A humanidade tem realizado, até o presente, incontestável progresso. Os homens, com a sua inteligência, chegaram a resultados que jamais haviam alcançado. Sobe o ponto de vista das ciências, das artes e do bem-estar material. Resta-lhes ainda um imenso progresso a realizar: o de fazerem que entre si reinem a fraternidade, a solidariedade, que lhes assegurem o bem-estar moral, esse aparente binômio que se funde em síntese de conhecimentos perenes e redentores, serão os promotores da renovação moral e social da humanidade que no século XXI ainda se debate nas angústias das guerras fratricidas, da fome, da opressão das discriminações de várias ordens, da degenerescência dos costumes.

A educação existe na história e na sociedade humana e em todos os sentidos, como uma construção do homem. Ela existe concretamente na sociedade, faz parte de sua estrutura e de seus processos, é uma instituição social e como programa formalizado é parte do aparato das classes sociais. Por isto, a educação é um dos instrumentos efetivos que pode assegurar o bem-estar moral das sociedades.

A educação formal é uma função exercida pelo Estado que tem a obrigação de proporcionar “educação para todos” através de programas educativos veiculados pelo Ministério da Educação e Cultura (MEC). Entretanto, encontra dificuldade na sua implementação.

A educação no seu sentido mais amplo, não é obra exclusiva do professor. Sem dúvida, ele continua sendo peça importante no processo educativo, no entanto, a família sempre teve e terá papel destacado na educação e socialização das crianças e jovens. Ao longo de sua vida o indivíduo é sujeito e objeto sucessiva ou simultaneamente de diferentes formas de educação. Ação formal através da escola, ação não formal e informal em outros grupos sociais. Analisando-se o processo educacional, de uma visão mais ampla, observa-se que existe estreita relação entre a educação informal

recebida pelo indivíduo em seu ambiente familiar e a educação formal recebida na escola. Em geral o sucesso escolar da criança depende em grande parte do estímulo cultural que recebe em seu ambiente familiar, isto porque, a família é o principal núcleo do processo educativo, corporificando normas sociais, ensinamentos e possibilidades de transmissão do que é necessário para o equilíbrio social e integração do indivíduo a sociedade.

Neste particular a escola é supletiva, preenchendo lacunas, possibilitando o ensino, complementando o trabalho da família. Admitindo-se essa relação de intercomplementaridade entre educação formal e informal, considerando-se o distanciamento existente entre família e escola em nossa realidade social, torna-se necessário um estudo sobre essas causas.

Embora formalmente reconhecida a grave inconstância dos gestores diante da grande dívida social represada em nosso país, o fato da educação não alcançar a todos, se constitui um dos pontos principais para o insucesso da ação educativa que objetiva o desenvolvimento social e econômico do nosso país.

Essa revisão de assunto está fundamentada nas idéias de Bee, Maldonado, Lima, Drouet, Dreikurs, Feltrin, dentre outros.

Este trabalho se propõe estudar a família como primeiro núcleo de aprendizagem da criança e analisar as funções da família como agência socializadora.

Pretende detectar os fatores que dificultam e travam o avanço da educação e buscar elementos que favoreçam a ação conjunta dos setores responsáveis pela educação, ou seja, Estado e Família.

1. CARACTERIZAÇÃO DE FAMÍLIA NA SOCIEDADE MODERNA

Preconiza-se atualmente no mundo uma educação com liberdade plena dos instintos do homem, olvidando-se pouco a pouco, os antigos ensinamentos quanto a formação do caráter na família. Os pais humanos têm de ser os primeiros mentores da criatura. De sua missão amorosa, decorre a organização do ambiente justo. Meios corrompidos significam maus pais entre os que, a peso de longos sacrifícios, conseguem manter, na invigilância coletiva, a segurança possível contra a desordem ameaçadora. Debalde se improvisarão sociólogos para substituir a educação na família por sucedâneos abstrusos que envenenam a alma. Só um indivíduo que haja compreendido a paternidade de “DEUS”, acima de tudo, consegue escapar a lei pela qual os filhos sempre imitarão aos pais, ainda quanto estes sejam perversos.

A família é o espaço onde o homem e a mulher se encontram para o entendimento indispensável para a condução da educação dos filhos. Na visão cristã ela é o templo onde as criaturas devem unir-se espiritual antes que corporalmente. Há grande número de estudiosos das questões sociais nesta posição que aventam várias medidas e clamam pela regeneração da vida doméstica. Alguns chegam a assegurar que a instituição da família humana está ameaçada. Importa considerar, entretanto, que a rigor, o lar é a conquista sublime que os homens vão realizando vagarosamente. Entretanto, onde existe no mundo a verdadeira instituição doméstica baseada na harmonia justa, com os direitos e deveres legitimamente partilhados por todos os membros?

A estrutura da sociedade moderna se reflete na vida familiar, gerando problemas no relacionamento de pais e filhos e impondo a adoção de novos procedimentos educacionais, capazes de acompanhar as mudanças sociais e políticas que vêm ocorrendo atualmente. Os pais percebem que as crianças não podem ser tratadas como no passado, mas não sabem exatamente o que fazer para que elas se tornem adultas equilibradas, livres das seqüelas deixadas por uma má orientação. Afirma Maldonado (2002, p.108) que, “Há

peças que se perdem em justificativas, como se estivessem pedindo perdão por terem de estabelecer limites”.

Pai e mãe representam o que de mais importante existe para uma pessoa, a família, grupo social básico da sociedade. Embora em alguns casos o pai seja mais austero e inflexível do que a mãe, observa-se que ambos podem externar no grupo familiar, o sentimento de amor pelos filhos. A mãe é a principal orientadora e conselheira. Bee (2003, p.320.) discute a capacidade da mulher de fornecer apoio emocional quando o filho vive situação de estresse. O pai, por outro lado, está mais preparado para a resolução de problemas da vida prática. Aí está o sentido da família. Uma família bem constituída onde prevalece o amor, fundamental para a educação dos filhos, tanto na oferta de condições para desempenho, como de aspectos cognitivos comportamentais ou de formação de valores.

Porém, com as variedades de estruturas familiares existentes hoje, educar filhos exige uma postura firme, mas longe de extremos, como o liberalismo e a repressão. Os princípios da Educação Infantil, destinados a desenvolver a criança, incluem a liberdade, baseada no respeito ao outro e na dignidade, na necessidade de se estabelecer limites, a importância do estímulo, a substituição do castigo por técnicas igualitárias de influência e, sobretudo, o desenvolvimento do senso de responsabilidade. Somente permitindo a criança experimentar as consequências de seus atos, pode-se oferecer a esta uma situação real e honesta de educação. Segundo Maldonado (202, p.134) “É evidente que educar implica o uso de autoridade e é importante diferenciar entre autoritarismo e autoridade”.

Apesar do desenvolvimento científico e do progresso tecnológico proporcionarem mais conforto e comodidade a família, os problemas de crianças e adolescentes estão aumentando em frequência e intensidade, e muitos pais não sabem como lidar com eles. Isto vem gerando imensos problemas para governos e sociedade. Mudanças rápidas acontecem, porém poucos têm consciência da natureza dessas mudanças. A família retraiu-se enquanto agência socializadora, tendo em vista a entrada, cada vez maior, da mulher no mercado de trabalho, a diminuição do número de filhos, a

sobrecarga de trabalho pela sobrevivência nas classes populares ou para atender aos anseios de consumo das classes mais abastardas, diminuindo o tempo de convivência aliado ao isolamento nos grandes centros, além das distâncias e, principalmente, do medo e da insegurança pelo avanço da violência urbana.

A participação da mulher na sociedade hodierna, na qual marca presença com mais intensidade nas atividades políticas, administrativas e culturais, vem consolidando direitos de caráter permanente de progresso dos povos. Tornam alvissareiras todas as conquistas das mulheres no comando da sociedade. Elas agregam valores inerentes ao sexo feminino a toda a atividade humana. Entretanto, a medida em que as mulheres proclamam sua igualdade em relação aos homens, os maridos perdem seu poder sobre a mulher, ambos perdem o poder sobre os filhos. “É uma revolução social geral, amplamente sentida, mas pouco compreendida”. (Soltz, 1994, p.15).

Dessa maneira, no contexto moderno, o projeto de família é repensado, analisado e, por fim, modificado. Quando se verifica a quebra do contrato matrimonial por divórcio ou mesmo quando as crianças nascem em situação de mãe solteira. E a mulher tem que tomar decisões muitas vezes angustiantes e constrangedoras em detrimento de suas funções na família. Pois é obrigada a abdicar da convivência diária tão necessária as crianças nos anos de formação (0 a 12 anos de idade), para assumir atividades remuneradas que garantam os recursos indispensáveis para prover as suas necessidades e dos filhos, pois tem a responsabilidade de criar e educar sozinha. Tarefa extremamente complexa. Muitas conseguem superar os obstáculos e atingir seu desiderato, outras cercam-se de mais problemas, por não terem uma estrutura psicológica suficiente para suportar vicissitudes da vida, terminam em malogro. No que origina problemas educacionais da criança que se ancora na rede de vínculos familiares, o que torna mais difícil sua socialização, que é dever dos pais. “É que a personalidade da criança depende da interação com a educação que recebe na família”. (Drouet, 2003, p.122).

Desde o berço, os pais devem desenvolver uma interação harmoniosa com o bebê para que possa, ao poucos, compreender as necessidades do

mesmo. Estimulando a capacidade de empatia da criança. Quando os pais são, por hábito, amorosos e ternos com os filhos, é mais provável que estes sejam generosos, altruístas e, seguramente, apegados e apresentam comportamentos pró-social. São importantes regras claras sobre o que fazer e também sobre o que não fazer. Determinar tarefas domésticas que cada criança deve fazer como rotina. O que é importante é que a criança participe das rotinas domésticas cotidianas, interagindo com o meio social e físico em que vive, o que estimula o desenvolvimento da preocupação com os outros e também um senso de responsabilidade. Entretanto, "...é provável que as crianças e os adolescentes sejam generosos e altruístas se virem as outras pessoas, principalmente, seus pais realizando essas mesmas ações". (Bee, 2003, p. 375).

A criança ou o jovem que não é capaz de distinguir o que é aceito pela sociedade e o que não é aceito, corre o risco de apresentar comportamento delinqüente. Uma comunicação franca é importante para o funcionamento da família como unidade. Na formação da personalidade da criança os pais devem apresentar níveis elevados de controle e de afeto, com limites claros, estimulando um comportamento socialmente maduro e também atendendo as necessidades das crianças. Porém, este modo de educar não pode deixar a criança fazer o que quer e o que deseja. Os pais conscientes de suas tarefas na condução e educação dos filhos têm que estar atentos a disciplina das crianças para que elas não se comportem mal. Não adotando punições físicas, mas refletindo em castigos mais brandos. É importante que compreendamos que os pais hajam assim, não hesitantes ou frouxos. Afirma Bee (2003, p.418) que, "As crianças criadas nessas famílias costumam apresentar auto-estima mais elevada".

1.1 A Educação na Família e na Escola

A educação, principalmente de crianças e jovens, é tema de debate não só para pais e educadores, pois dada a sua importância para o indivíduo, com

igual propriedade, também se ocupam do estudo psicopedagogos, psicólogos, sociólogos, etc.

Encontrando-se a família inserida em um contexto social e dele fazendo parte, contribuindo para seu desenvolvimento, torna-se responsável pela formação e orientação dos filhos, futuros cidadãos capacitados a participar do processo evolutivo da sociedade, bem como contribuindo também para sua plena efetivação.

A função socializadora da família determina-lhe papéis importantes na formação inicial do educando, podendo contribuir para a realização do processo educativo. Como tal, é a instituição que mais inspira confiança aos filhos; logo, com maior grau de condições para orientá-los.

Durante a maior parte de nossa história a família foi a principal, quando não a única instituição educativa que transmitia às crianças habilidades técnicas necessárias para a vida adulta, incluindo-se noções de direitos e deveres e mostrando o significado de ser um membro da família e da comunidade. O lar era uma grande escola, cujos mestres eram os pais.

Ao longo dos tempos essa tarefa foi, aos poucos, sendo dividida com outras instituições sociais.

A educação há muito deixou de ser monopólio da família e passou a ser ministrada por agências especializadas, em particular as escolas.

Dada a importância da família, pelo próprio status que lhe foi atribuído desde os primórdios até então, e pela própria condição que a família exerce no sentido da convivência dos seus membros tem-se como célula geradora, a segurança de seus atos e atitudes perante a prole; inclusive, como instrumentalidade no processo educativo. Da ausência desse fator poderá advir crianças problemáticas e inseguras que se tornariam futuros cidadãos desajustados; comprometendo, assim, o todo social.

É de caráter emocional e social significativos o papel que os pais exercem no lar, razão porque lhes cabe, também, a função de educar os filhos, preparando-os para que amanhã se tornem homens equilibrados e eficientes; mantendo-se atitudes de estímulos que os conduzam ao cooperativismo para que possam usufruir do convívio em sociedade.

Do ponto de vista da educação do lar e para a perfeita constituição biopsíquica e social da criança, percebemos a importância da participação da família na condução do limiar educativo.

É no seio da família que o indivíduo tem acesso a conhecimentos, estímulos, atenção e carinho; determinado, assim, tipos de comportamentos que os auxiliarão quando já senhores de si, cidadãos ocupantes de cargos sociais; tornando-se participativos nas tomadas de decisões, bem como, a determinação de horários a serem cumpridos, mostrando-se que a vida é composta de regras, normas e padrões sociais dos quais não podemos fugir.

Outro aspecto importante é quanto às diferenças mentais de cada filho. O ser humano é bastante complexo e possui suas particularidades. Portanto as críticas destrutivas e as comparações poderão vir a desenvolver sentimentos de insegurança e negativismo; comprometendo, assim, a realização pessoal e o amadurecimento da personalidade.

No ambiente familiar o jovem terá acesso, também, a educação sexual, responsável pela perfeita e completa formação, de acordo com suas evoluções, revestindo-lhes de responsabilidades sociais; e a educação social, objetivando torná-los organizados e aptos a assumir e enfrentar o complexo social onde estão inseridos, de tal maneira que possam e saibam ajudar e usufruir da cooperação dos outros em um perfeito intercâmbio de relações, ao mesmo tempo em que procura evidenciar-lhes o sentido e o valor do próximo, compreendendo os aspectos políticos e profissionais, fortalecendo e enaltecendo, cada vez mais, o desenvolvimento do espírito cooperativo e participativo, no intuito de melhor adequá-los a realidade da sociedade em que vivem para a consecução de seus objetivos.

1.2 Escola x Família: O Papel de Cada uma na Educação

As mudanças ocorridas na sociedade ocidental contemporânea ocasionaram transformações complexas na vida urbana, sobretudo das grandes cidades. E modificaram a estrutura econômica e social, além da cultural; exigindo, cada vez mais, a participação de todos no sistema produtivo.

Tais mudanças também dizem respeito à nova atuação das mulheres no mercado de trabalho e, conseqüentemente, a uma divisão das responsabilidades. Entre elas a criação dos filhos, os afazeres domésticos e o provimento da família. Assim, cada vez mais, a família deixa a educação a cargo da escola e de outros sistemas extra-familiares e exige que a escola cumpra funções socializadoras, além da preparação para a complexidade da vida moderna.

As expectativas crescem em relação ao desempenho escolar e isso preocupa. Cada um tem que saber o papel de cada um. A mãe que trabalha fora não pode deixar de encontrar tempo para se dedicar ao seu filho, pois a escola jamais vai substituí-la.

Ainda não é possível, e, talvez, nunca seja, a escola cumprir o papel da família. Há ensinamentos educativos que só se aprende no âmbito familiar.

Segundo Barros e Bossa (1996, p.196):

“Ao nosso ver, não compete apenas a escola a função de educar, mas, também, a família. E se esta hoje tem a sobrecarga da vida moderna é importante lembrar, entretanto, que não é o tempo que se está junto com os filhos, mas a maneira como se estabelece a relação com eles é o que importa. Se os filhos sabem que podem contar com os pais onde estiverem, quando necessário, se os pais tem uma parte do seu tempo diário e de lazer reservado para dar atenção ou fazer um programa com os filhos, se os limites são estabelecidos com flexibilidade e justeza, sem culpas ou necessidades compensatórias, pode-se esperar menor probabilidade de problemas”.

A escola deve fazer uma exposição clara da sua filosofia e de seus objetivos para, assim, facilitar o entendimento para a família.

A função da escola é criar um contexto entre seus membros onde aconteçam interações construtivas resultando no melhoramento dos seus estudantes.

Sabemos que, cada vez mais, as famílias deixam de acompanhar o desenvolvimento dos seus filhos, ocupam todo o tempo com o trabalho e com a própria vida e transferem toda a responsabilidade de educá-los para a escola.

Muitos pais sequer observam seus filhos crescendo e não avaliam que educação familiar não pode ser substituída e que seus filhos precisam de atenção, afeto, orientação, limites etc; esses são ensinamentos que aprendemos no âmbito familiar e dos quais necessitamos para crescer saudáveis e emocionalmente felizes.

Segundo Fernández (1991, p.30). “A origem do problema de aprendizagem não se encontra na estrutura individual. O sintoma se ancora em uma rede particular de vínculos familiares, que se entrecruza com uma também particular estrutura individual”.

Sabemos que para haver aprendizagem é necessário um ensinante e um aprendente que entrem em relação; no entanto quando se trata de fracasso de aprendizagem, de educação e de socialização, só entra em jogo o aprendente que fracassa. Quanto aos ensinantes, que são: A família, a instituição educativa, ou quem quer que seja que esteja investindo pelo aprendente e/ou pela cultura para ensinar, não são questionados nem avaliados.

O ser humano, no percurso do seu desenvolvimento, necessita de estímulos de reconhecimento, de incentivos, de exemplos e de segurança para fortalecer a sua auto-estima e criar internamente um desejo pelo conhecimento, uma satisfação pelas conquistas; quando isso não acontece teremos um ser opaco, sem brilho, que Fernández respalda com a seguinte afirmação: “O problema de aprendizagem não é outra coisa senão, as capacidades anuladas e as possibilidades bloqueadas”.

2. PAPÉIS DOS PAIS

Será sempre digno de nota o fato de os pais conduzirem os filhos a escola para aprenderem; é muito acertado agir assim. Há bons resultados com isso. Entre outros, o do entrosamento dos pequeninos com o meio ambiente que lhes é próprio, onde travam conhecimentos uns com os outros, estudando e aprendendo juntos; iniciando, assim, os primeiros laços de amizade entre si. Portanto, "... a integração de ser humano é um processo de verdadeira socialização" (Lírio, 2003, p.45).

Além disso, a presença dos responsáveis, junto dos menores, dá a idéia de coerência de atitude e noção de responsabilidade. Não há como regatear aplausos aos pais que se dão a tão louvável gesto de orientação.

Todavia desejamos ressaltar que a freqüência da criança na escola, mesmo observando toda a assiduidade e revelando o melhor índice possível de aproveitamento, não prescinde da assistência e orientação que lhe são devidas no lar. Afirma Lírio (2003, p.89) "... que é no lar onde principia a educação".

Enquanto, na classe, toca aos professores a exposição teórica dos ensinamentos ministrados metódica e sistematicamente em suas gradações pedagógicas; no lar, cabe aos pais a demonstração prática do exemplo. Na vivência diuturna e real, hora-a-hora, dia-a-dia, nos domínios da convivência.

Fora, os filhos se instruem e se ilustram; em casa, porém é que eles verdadeiramente se educam. Fora, eles ouvem o que devem fazer; em casa eles vêem como se faz, por indução particular e pessoal, direta e imprópria da conduta de seus genitores.

Se os desejamos, além de preparados e cultos, bons e simples, compreensivos e fraternos, é imperioso que façamos do nosso lar o primeiro templo de saber e iluminação para que eles possam demonstrar aos outros, em nossa presença ou ausência, o que aprenderam conosco (porque nos viram fazer) portas adentro no santuário doméstico.

Muitos esperam da juventude destes últimos decênios de séculos, será indispensável, mesmo urgente, porém lecionar a esta juventude tão rica de numerosos penderes, tão enamorada de ardentes ideais, quanto desordenada e inconstante em suas diretrizes; lições enaltecidas capazes de impulsioná-la, para a padronização do bem, porque as escolas atuais não falam ao sentimento do coração, como não revigoram as lidimas aspirações da alma juvenil, enquanto que as futilidades destrutivas conluídas com o comodismo criminoso do século, aboletadas no seio dos próprios lares, arredaram para muito longe o antigo dulçor dos conselhos como a respeitabilidade dos exemplos paternos, dos quais, muito raramente, agora se impõem, indiferentes ao dever de socializar e burilar corações, olvidando a educação dos filhos para que os torne socializados. Segundo Bee (2003, p. 418) “Na adolescência os filhos de famílias negligentes são mais impulsivos e anti-sociais”.

Livros nocivos proliferam em estantes de onde os exemplos moralizadores ou educativos desertam corridos pela intromissão comercialista de uma literatura deprimente, criminosa na facilidade com que se expande, viciando ou pervertindo os corações em flor de jovens descuidosas não apresentaram literaturas adequadas; enquanto revistas levianas, deseducativas, destilando o vírus da inconveniência generalizada, seguem com os moços cujas mentes, muitas vezes dotadas de ardores generosos se abastardam e estiolam, vencidas por irrupções letais, qual plantazinha mimosa a falta de ar e de luz portadores da vida.

Preocupa-se, por isso mesmo, aqueles que envidam todos os esforços por uma educação que atinge a todos, quando contemplam tão melancólicos panoramas, visto que a hora que passa é das mais graves para a humanidade.

Onde aqueles que deveriam resolver a questão se transformaram pela incapacidade e medo em caudatários daqueles que fomentam a injustiça e a instabilidade social.

Educação é tarefa essencialmente paterna – maternal de caráter intransferível e inalienável. Esse princípio é de ordem geral e se estende a tudo

o mais a que se possa recorrer. Em matéria de preparo, como programa de formação da personalidade, de modelação do carácter.

Não há colégios, por mais modernizados e modelares, que possam fazer às vezes dos ambientes domésticos, substituindo-os. Regimes de internatos, quaisquer que sejam, não se sobrepõem, em normas disciplinares e critérios de funcionamentos, aos salutareos princípios de família.

Professores particulares e explicadores contratados para aulas individuais, ainda que muito competentes, nunca exerceram maior e tão decisiva influência no âmago dos pupilos que seus próprios pais.

Cursos de extensão cultural, de especializações e aperfeiçoamentos técnicos dotando, embora o intelecto de sólido cabedal, não oferecem a mente o mesmo material educativo qual lhe é fornecido pelas lições ministradas no recesso dos lares.

Compêndios e tratados, livros e autores da mais alta expressão cultural, facultando luzes ao cérebro, não valem a palavra maternal repassada de ternura e prudência, nem substituem a voz de experiência do pai que amadureceu nas árduas contingências e vicissitudes, tribulações e refregas, nos entreveros e desafios da vida.

Aias e governantas, por mais compenetradas e solícitas que se mostrem, jamais sobrepujaram as mães em desvelos e carinhos, no exemplo e na autoridade, na força moral e no sentimento do afeto e no poder do coração. Não se pode passar procuração para ninguém para educar os filhos e não há dinheiro que lhes faculte adquirir as virtudes e os valores que formam a estrutura dos homens de bem.

2.1 A Educação é o que se Pode Fazer do Homem de Amanhã

Os processos formativos que acontecem no interior das escolas visam, entre outras finalidades, proporcionar aos alunos a aquisição e o aprimoramento dos conhecimentos e habilidades necessárias ao viver diário, particularmente ao exercício profissional. O preparo dos discentes revela, portanto, um aspecto técnico explícito e indubitável.

A educação, em uma dada formação social, não se constrói independente das condições econômicas, sociais, políticas e culturais. Não se pode, portanto, considerar a educação de forma genérica, abstrata ou estática. A educação é o que se pode fazer do homem de amanhã.

A especificidade da educação, em uma dada totalidade social, lhe vem, justamente, do binômio ensinar x aprender. A escola, na cultura contemporânea, está instituída por excelência deste binômio que, no entanto, perpassa em diferentes níveis e graus de formalização todas as relações interpessoais.

A escola é, em nossa cultura, o instrumento formal de consecução de uma das dimensões do processo educacional amplo de uma dada sociedade. A escola e a escolaridade constituem-se, portanto, mecanismo com as funções específicas em um conjunto de processos que garantem a articulação o que chamaríamos identidade social.

Nas sociedades modernas e capitalistas é visível a desigualdade no usufruto dos bens materiais e culturais, como também nos demais setores da vida humana. Obrigam-se, então, as famílias de baixa renda a articularem estratégias para solucionar suas necessidades básicas de sobrevivência e, entre elas, inserem-se os filhos que, em muitos casos, são levados a buscar, na rua, meios de produzir rendimentos em dinheiro ou espécie. Estas crianças passaram a constituir um dos maiores problemas sociais do Brasil, porque neste convívio com a rua elas estão expostas a situações de exploração, ao risco de conviver com maus elementos e de aproximação com contraventores, de maior oportunidade de experimentar drogas, além da impossibilidade de aquisição de uma formação profissional que permita uma melhor posição na estrutura operacional. “Não será possível a família exercer a sua capital função pedagógica sem a solução adequada do problema econômico” (Lima, 1967, p.24).

O abandono, a evasão e a repetência ainda acontecem mesmo com o aumento da oferta de vagas. A situação econômica e social dos estudantes é a origem desse problema que culmina do desmonte de uma cultura de paz. A sociabilidade e a solidariedade vividas em passeios, brinquedos, visitas,

afazeres domésticos, ajuda financeira, experiências de vida, integram as noções da criança sobre a família. A noção de família que a criança demonstrou, via de regra, representa o meio de sua convivência. As necessidades e problemas talhados no interior da família freqüentemente decorrem dos problemas existentes na sociedade mais ampla.

Os movimentos populacionais expressam profundos desequilíbrios econômicos. As conseqüências não poderiam ser piores, destruição das relações sociais tradicionais e a exclusão em relação as suas raízes. A família passa por mudança de valores e fica a margem da sociedade. A solução é dar melhores condições de vida ao trabalhador para tentar reverter a situação de dezenas de famílias que vivem sem perspectivas. “Não há erro social mais considerável do que privar a família de sua independência ou de qualquer modo diminuí-la” (Lima, 1967, p.23).

O número de adolescentes grávidas cresceu, esse fenômeno se espalha por todos os níveis sociais, principalmente, nas famílias que ganham apenas um salário mínimo. Em decorrência disso, as adolescentes oriundas de famílias pobres são as que pagam um preço muito alto. A mãe adolescente pobre vai perpetuando a pobreza. É uma armadilha contra o desenvolvimento. E a grande parte delas engravida em um momento em que busca um lugar na sociedade e que por um desejo inconsciente tenta se firmar como mulher adulta ou como mãe. Segundo Teles (1983, p.122) “...educar para o completo desenvolvimento da sexualidade da criança é o mesmo que educar para a própria vida”.

O exército de desassistidos, desprezados, analfabetos e desesperançosos optam pelo atalho do crime no desesperado objetivo de sobreviver. O tráfico e drogas surgem como a primeira mão empregadora que se estende aos jovens; estes, muitas vezes carentes de valores morais e éticos, herança de seus genitores, igualmente despidos de substância.

A violência urbana assume contornos de verdadeira epidemia. A guerrilha que testemunhamos cotidianamente é a mais dramática tradução da inominável dívida social represada em nosso país. Com a conseqüente inversão de valores onde assistimos a glamourização do crime, muitas vezes

estimulada inconscientemente pela mídia e o habitual exercício da teoria maquiavelina de que os fins justificam os meios, geradora da avassaladora corrupção que campeia nosso Brasil, são o espelho da atual realidade e reflexo da guerra civil na qual nos inserimos. Segundo Inkeles (1971, p.87) “Para mudar o homem precisamos inicialmente mudar as condições sociais, e não o contrário”.

A educação continua como processo determinante para a permissão da entrada do estudante na vida profissional. Por conseguinte, investir na Educação Infantil é uma estratégia para combater a exclusão social. Diante de tantos problemas infantil é uma estratégia para combater a exclusão social. Diante de tantos problemas, como os assassinatos, o Brasil precisa de um plano de educação que sobreviva a qualquer governo e assegure a qualidade de ensino e a valorização dos profissionais da educação. Do contrário, as questões sociais e econômicas continuarão a ser, por muito tempo, os maiores desafios para o desenvolvimento do país, tendo em vista a falta de decisões políticas para solucioná-las. A favelização acompanha o crescimento das grandes urbes brasileiras, haja vista um aumento muito rápido da população urbana e nenhum governo se preparou para enfrentar tal problema. “...uma sociedade não pode perdurar se não conseguir satisfazer as necessidades individuais humanas de seus membros” afirma Inkeles (1971, p.108).

2.2. A Escola Tem O Compromisso de Promover O Desenvolvimento e A Socialização de Seus Alunos

Na escola é importante que se pratique o conceito de interação. Nesse sentido, para que os alunos aprendam as posturas consideradas corretas na nossa cultura, a escola precisa adequar suas exigências as possibilidades e necessidades dos alunos. Estes, por sua vez, precisam ter a oportunidade de conhecer e discutir as intenções que geraram as regras e as possíveis punições. Em todo esse procedimento, o papel mediador do professor é fundamental, como fundamental é a busca de uma coerência entre sua conduta e a que se espera dos seus alunos. O mundo e a mídia oferecem um imenso

leque de ídolos dos mais variados, as crianças aprendem e vão fixando seus comportamentos conforme os modelos que tem diante de si a todo instante. O professor e a professora acabam sendo um deles, tornam-se elementos populares do desenvolvimento e da formação de comportamentos, especialmente dos que precisam de uma atenção para que se tornem sociáveis. Afirma Feltrin (2004, p.102) “O professor é importante enquanto o ponto de referência que o aluno tem para verificar sua condição de ter acertado ou errado”.

O comportamento humano sofre uma continuada interação de influências cognitivas, comportamentais e ambientais, portanto, a modificação e a modelação de comportamentos, na aprendizagem social, socializa a criança. Porém, no ensino, o professor tem papel preponderante. Os objetivos pedagógicos jamais serão atingidos se não se investir na educação e no desenvolvimento profissional dos professores e de outros técnicos da escola. É de suma importância, uma formação continuada no exercício profissional da educação. A escola, para caminhar no rumo de uma verdadeira inclusão sociável, deve ter compromisso com a mudança. Ou seja, ser revistos valores, normas, modelos de aprendizagem, atitudes dos professores, relações interpessoais existentes, expectativas, a participação de pais e alunos, a comunicação entre todos os elementos da comunidade educativa. Segundo Harlan (2002, p. 75) “Atitudes positivas de um professor em relação à criança podem compor uma longa história”.

No trabalho direto com crianças e adolescentes carentes, oriundos de meios sociais desprovidos de direitos e garantias constitucionais e costumes de uma sociedade mais exigente e civilizadora, o erro se faz presente em cada passo. De alguns não se pode esperar grandes resultados imediatos, fruto do trabalho educativo. Não existe a perspectiva real de uma grande mudança, em prazo curto. Falta-lhes os pré-requisitos essenciais que tornam possível atentar ao que se está propondo para provocar uma reação consciente, transformadora. A falta do hábito de ler, o distanciamento dos canais da cultura, devido a dificuldades sociais e econômicas de acesso, criaram neles uma crosta quase impenetrável que deverá antes, ser rompida. Afirma Teles (2003,

p.24) que, “aspectos sociais estão ligados à perspectivas da sociedade em que estão inseridas a família e a escola”.

Muitas instituições de ensino esquecem-se da função primordial de fazer desabrochar toda a vida que existe dentro das crianças, moldando o caráter e a personalidade dos alunos que as procuram. Fazendo-os crescer dentro de suas prerrogativas e individualidades, sua função é conscientizar os alunos de que são membros de uma sociedade dentro do qual devem estar inseridos, a qual deverão ser fiéis e da qual devem receber todo incentivo, proteção e a oportunidade de realizar seus anseios, “...a escola pode ser para a família o segundo lar”. Pain (1992, p.49).

A presença do educador ativo no meio, junto do educando, valoriza muito e dá sustentação ao trabalho educacional, cativa o aluno, torna-o também próximo do educador, permitindo a troca de informações que propicia uma interação natural, muito útil a todos os que trabalham com a educação. Afinal, se o educador quer que o educando faça o que lhe interessa, porque não o educador fazer o que agrada ao educando? É uma atitude que permite uma verdadeira troca, de igual para igual, e com vantagem para o educador que vê realizado, sem grande esforço adicional, seu grande anseio de ver o educando acatar o que foi planejado para ele, entrar no mesmo ritmo, aprender sem a necessidade de qualquer outra interferência ou metodologia indesejada. Porém, a escola não pode perder de vista a educação que a criança recebe no lar, exercendo grande influência sobre a criança. “Com relação a meus alunos, diminuo a distância que me separa de suas condições negativas de vida na medida em que ajudo aprender” (Freire, 1996, p.136).

A falência tem sido dos sistemas educacionais, resultado dos governantes ditadores que sabem ser a educação o seu adversário mais poderoso, enquanto a ignorância, que gera o temor, é o seu fêmulos especial e melhor serviçal. Segundo Fernandez (2000, p. 99) “Educação começa a ser problemática para as estruturas de poder quando as camadas populares e médias baixas começam a exigir ensino de qualidade”.

Entretanto, em relação à personalidade, a tarefa da educação é fornecer um quadro rico de experiências e informações abertas a críticas, de modo a

criar homens responsáveis, capazes de fazer escolha. A educação não deve impor o que as pessoas devem escolher, mas prepará-las para a escolha. Personalidades formadas sob essa moldura tendem a ser maduras e responsáveis.

Apesar de ter uma legislação avançada em matéria de educação, apesar de o pensamento pedagógico brasileiro ser progressista, o Brasil é um dos países do mundo que tem o menor desempenho no setor. Todavia, dados revelam que o atraso educacional do Brasil já está pondo em risco o seu próprio desenvolvimento. O analfabetismo é um exemplo disso. Leche e Albuquerque (2001, p.106) afirmam que, "...todos os estudos e diagnósticos apontam escola fundamental como a raiz dos problemas educacionais do povo brasileiro".

A sociedade como um todo precisa conscientizar-se de que a educação é um valor indispensável do desenvolvimento humano, que educação não é gasto supérfluo, é investimento. Os administrados precisam saber que quanto mais educação, menores serão os gastos com previdência social, com planejamento familiar, com segurança etc. As próprias elites econômicas do país se beneficiarão com uma mão-de-obra mais qualificada, portanto, mais produtiva, e uma população com capacidade ampliada de consumo. "Mais educação produz menos violência, menos fome, menos miséria", afirma Souza (2000, p.35).

A escola pública brasileira tem sido particularmente perversa, pois se organiza sobre uma realidade social com exorbitantes desigualdades, mantendo-se cega as características e necessidades socioculturais de sua comunidade, num arremedo grosseiro da padronização, a homogeneidade.

O ensino de qualidade que a sociedade procura atualmente, espera a possibilidade do sistema educacional vir a propor uma prática educativa adequada às necessidades sociais, políticas, econômicas e culturais da realidade brasileira, que considera os interesses e as motivações dos alunos e garanta as aprendizagens essenciais para a formação de cidadãos autônomos, críticos e participativos, capazes de atuar com competências e responsabilidades na sociedade em que vivem. Segundo Feltrin (2004, p.27)

“Há na sociedade uma conscientização da importância da escola, o que representa na organização e no sucesso da vida social”.

Portanto, o exercício da cidadania exige o acesso de todos à totalidade dos recursos culturais relevantes para a intervenção e a participação responsável na vida social. Essas exigências apontam a relevância de discussão sobre a dignidade do ser humano, a igualdade de direitos, a recusa categórica de formas de discriminação, a importância da solidariedade e do respeito.

A escola, por ser uma instituição social com propósito explicitamente educativo, tem o compromisso de intervir efetivamente para promover o desenvolvimento e a socialização de seus alunos. Essa função socializadora remete a dois aspectos: o desenvolvimento individual e o contexto social e cultural. Os processos de diferenciação na construção de uma identidade pessoal e de processos de socialização que conduzem a padrões de identidade coletiva constituem, na verdade, as duas faces de um mesmo processo. “...em regiões desfavorecidas, cabe à escola suprir as deficiências da comunidade e contribuir para o desenvolvimento físico, emocional e social dos alunos”. afirma Piletti (1986, p.24).

3. PROBLEMAS DA FAMÍLIA NA EDUCAÇÃO DOS FILHOS

A infância deveria ser a etapa mais feliz e segura para todas as crianças e adolescentes. Entretanto, nem sempre é assim. Muitos se situam, desde cedo, em lares desestruturados, em um ambiente social hostil e inóspito.

O ambiente familiar e a boa ou má receptividade com relação à criança, que se inicia desde a vida intra-uterina, são fatores marcantes na formação de sua personalidade tornando-a feliz, aberta ao convívio com outras crianças. Afirma Ramos (2000, p.90) que, “Quando insegura, triste, fechada em seu mundo apresenta os chamados conflitos perturbadores”.

A criança mal amada que padece violências físicas e psicológicas vê o mundo e as pessoas através de uma visão óptica distorcida. Segundo Conger (1997, p.22) “As suas estão focadas de maneira incorreta e, como consequência, causa-lhe pavor”. Ademais, os comportamentos agressivos daqueles que lhe partilham a convivência, atemorizando-a mediante a ameaças de punições e castigos de qualquer natureza, fazem-na fugir para lugar e situações vexatórios. Que segundo Estives (1998, p.56) “O recolhimento oferece qualquer mecanismos de defesa deixando-a desamparada”.

Atitudes deste teor e situações que lhe imprimam insegurança e medo marcaram profundamente sua vida e constitui fatores causais da agressividade infantil. Todavia os comportamentos agressivos na infância nem sempre tem a intenção de causar ou atacar violentamente as pessoas. Muitas vezes esclarecem os estudiosos do assunto. São hostis visando, principalmente, a contrariar ou magoar aqueles que não compreendem aos seus anseios. “Quando uma criança procura nos ferir, podemos nos tornar conscientes de seu profundo desestímulo”. (Dreikurs, 1964, p.69).

Existem fatores sociais e interpessoais que afetam a tendência infantil de se comportar agressivamente. As formas e graus da agressão que a criança exibirá depende de muitos fatores; a intensidade de sua motivação hostil, o grau de frustração ambiente ao qual está sujeita, os reforços recebidos por

comportamento agressivo e sua observação e imitação de modelos agressivos. “O estímulo é tão importante que a sua falta pode ser considerada causa básica do mal comportamento da criança”. (Dreikurs, 1964, p.60).

Como fatores de agressividade infantil destacamos: a frustração, as respostas agressivas, imitativas e a influência dos pais permissivos ou autoritários, com predominantes desencadeadores de atitudes atuais em consonância com a violência nos órgãos de divulgação; (TV, revista, cinema etc). Causas atuais: violência no lar, espancamentos, castigos excessivos, inibições, humilhações e provocações no lar e na escola. Causas orgânicas: lesão cerebral; como: tumores, traumatismo, distúrbios emocionais por disfunção endócrinas, disritmias cerebrais, perturbação na fala, na audição e na visão em níveis elevados.

Na violência urbana, atualmente, temos exemplos comuns e roubos de atitudes agressivas de crianças motivadas por questões sociais, que vão desde o abandono da família até os impulsos e as tendências criminosas resultantes da deformação moral do ser, que tem na miséria social a causa mais grave que desencadeia uma série de atitudes agressivas da criança que usa para sobreviver. “O ato de mentir ou roubar é sintoma de revolta reprimida, mas profunda” (Dreikurs, 1964, p.45).

A criança e o adolescente, pelos conflitos naturais destas fases de desenvolvimento, encontram-se expostos, com muita freqüência, a insegurança. Aumentar esta insegurança pelo desenvolvimento do medo é bloquear-lhes o ajustamento, impedindo-os de amadurecer e desenvolver uma personalidade equilibrada, harmoniosa e saudável. Por isso, a educação pelo medo tão comum no passado, é hoje, extremamente condenada. Muitos são os fantasmas que povoam a mente infantil e aumentá-los é tornar o desenvolvimento um processo mais penoso. Segundo Cardoso (1967, p.147), “Autoridade opressiva é aquela que anula a personalidade dos filhos, que o sufoca através de gritos, ameaças, maltratos e grosserias.

Não se encontrou, ainda, infelizmente, uma solução adequada e eficiente no combate a marginalização e delinqüência infantil, cujos efeitos danosos para a sociedade refletem o estado evolutivo da própria sociedade.

3.1 A Família como Agente de Educação Informal

O homem é um ser social, e a família é o primeiro grupo social onde a criança convive. Vivemos em uma cultura centrada na família, e é ela o primeiro grupo de contato da criança em termo de aprender a se relacionar e ajustar com os outros. A unidade familiar representa para a criança o campo de treinamento e prova de sua futura conduta para com os outros. Para a criança, as suas experiências na família representam consciente e inconsciente a estrutura de referência modelo, a planta de sua vida na sociedade como um todo, ou seja, no lar ela forma seus primeiros hábitos, adquire seus primeiros conhecimentos, lançando as bases de seu caráter.

O processo de socialização e personalização no lar é o meio pelo qual a criança passa a considerar-se um indivíduo entre muitos e, ao mesmo tempo, como tendo relações com outros indivíduos, esse processo é empregado em uma grande variedade de instrumentos e técnicas, umas conscientes e outras inconscientes.

A socialização da criança é muito mais do que uma simples questão de formação de hábitos ajustados à vida doméstica, de aprendizagem de meia dúzia de regras e de aceitação ou rejeição de sanções familiares; é o começo de internalização da cultura da sociedade a que pertence a família que prosseguirá durante toda a vida do indivíduo.

A transmissão dos costumes e da moral social dá-se, em grande parte, por meio da educação e da perpetuação dos padrões de comportamento, reguladores das relações entre esposos e entre pais e filhos, de modo que a família transmite ao lado da cultura normal, característica da região, do comando social, da comunidade religiosa e ainda a sua própria síntese peculiar. Nela os filhos adquirem os elementos essenciais de sua vida anímica; sentimentos, ideais, a linguagem nela também estabelece normas e formas da vida moral, intelectual e espiritual.

Escola e família são sociais no processo de educação das crianças e adolescentes. O êxito da criança na escola depende, em grande parte, do grau de convergência que exista entre os dois tipos de educação, o informal e o

formal, a família como aquela que oferece as crianças e jovens um ambiente estimulador ao desenvolvimento da inteligência.

O nível cultural, econômico social e mental da família contribui de maneira poderosa para o sucesso ou insucesso da criança na escola.

O desenvolvimento intelectual do educando é determinado pelo ambiente e pelos estímulos que ele recebe do mundo exterior. O tipo e o nível de treinamento recebido pelas crianças vão depender das pessoas com quem convivem diretamente: sua família.

As famílias melhores situadas na estratificação social, exercitam suas crianças em operações mentais antecipando-se à escola; contrariamente, crianças de família mais humildes sofrem um impacto nas suas experiências no momento em que chegam à escola.

Analisando-se, ainda que superficialmente, o currículo das escolas, pode-se deduzir que este se volta para a cultura das classes médias e altas excluindo a cultura popular, razão pela qual as populações de baixa renda, de forma geral, estariam fadadas ao insucesso devido ao choque entre as duas culturas, a da família, e a veiculada na escola.

A educação formal completa a educação informal recebida no lar, esta é que influencia o desenvolvimento emocional e inculca os valores e atitudes adequados a escolarização.

Cabe então a escola ciente desta verdade, aproximar-se dos pais, conhecer melhor suas expectativas com relação a ela e orientá-los no sentido de ajudá-la na sua missão educativa.

A escola e a família têm que deixar de caminhar em sentidos opostos, tem que se dar as mãos para o sucesso do ensino-aprendizagem e da socialização dos educandos.

3.2 Pais e Escola: Um Só Objetivo

Pais e educadores são sócios no processo de orientação das crianças, no entanto ao delegar a escola a educação dos filhos, a família passa a se omitir, tornando-se, na maioria das vezes, alheias ao processo educativo. O

afastamento da família de um dos seus ideais mais dignos e objetivos mais freqüentemente salientados, ou seja, da educação dos filhos, passou a merecer a preocupação mais profunda por parte da agência a quem os pais delegaram a função educativa, a escola.

Os educadores estão convencidos de que pouco ou nada conseguirão sem a efetiva colaboração dos pais para a tarefa de formar a criança e o jovem, daí porque apregoam sempre e a toda hora que a escola e a família devem estar ligadas para cooperarem sempre uma com a outra; devem formular seus objetivos em benefício do educando, uma vez que “desajustes” observados nos alunos têm, geralmente, suas origens nos problemas familiares e somente com ajuda dos pais poderão ser superados.

Só a perfeita integração escola e pais pode garantir o êxito educacional do educando, diante disso, tornou-se necessário estimular a participação da família a maior interessada pela sorte dos educandos, chamando-a a colaborar com as autoridades e responsáveis pela educação nas atividades que visam ao desenvolvimento e aprimoramento da qualidade do ensino. Chega, assim, o momento em que a família precisa, com a escola, realizar um trabalho conjunto conscientizando-se de que o espírito de cooperação nas relações, entre pais e mestres, entre pais e escolas, traz benefícios inestimáveis ao educando, a família, a escola e a sociedade.

A família, como primeira educadora, deveria viver a escola de seu filho. E com ela contribuir para um ensino e uma aprendizagem cada vez mais eficaz e com resultados cada vez mais positivos.

A escola e a família devem, pois, unir seus esforços com um só objetivo, que a obra socializadora e educativa se realize de modo a contribuir para o desenvolvimento harmonioso da personalidade do educando.

4. EDUCAÇÃO E DISCIPLINA

Tornar um pequeno ser anti-social em um homem equilibrado, bem ajustado a vida e ao seu ambiente, realizado e cheio de alegria não é, decerto, uma tarefa fácil. Bem pelo contrário, é uma missão que exige uma dose infinita de paciência e amor. Segundo Cirigliano (1983, p.112), "... a compreensão e a calma são grandes armas dos pais dos adolescentes".

Em momento algum, quando falamos sobre o que seja conveniente ou inconveniente em matéria de educação, estamos esquecendo de todos os esforços que essa tarefa exige dos educadores. Sabe-se que as pessoas cansam-se, irritam-se, desgastam-se, perdem a paciência e que há momentos em que todos sentem desejos de assistir. E isso, principalmente, no que se refere a mulher que, com sua emancipação, acrescentou novos papéis e novas funções aquelas seculares de produzir e manter a vida. "Educar exige coragem, assim como para viver" (Teles, 1983, p.113).

Qualquer criatura que está apta a viver, isto é, a enfrentar com equilíbrio as lutas, os conflitos e frustrações naturais da vida, está também apta a educar, ou ainda, vencer todos os obstáculos que a empresa implica e a contribuir para a formação de criaturas sadias e felizes.

Um hábito pouco desejável é o de buscar receitas milagrosas em educação, quando elas não existem. O que é necessário, ao educar, além das qualidades a que nos referimos antes, é conhecer o desenvolvimento da criança e do adolescente, suas crises, suas angústias naturais e procurar dar-lhes apoio, desenvolvendo neles a confiança e a segurança, lembrando que o equilíbrio psíquico tanto de um como de outro, depende basicamente de um ambiente familiar harmonioso, calmo e feliz, onde todos se amem e se respeitem e onde a presença do filho seja acolhida com alegria. Segundo Maldonado (2002, p.108), "Às vezes, os pais se voltam tanto para seus próprios interesses e necessidades que aos filhos sobram".

Ao educar é bom também que não nos esqueçamos que tanto as crianças como os jovens têm necessidades de sentir uma mão forte que os guie. Por mais que eles mostrem traços de independência e rebeldia, a verdade que desejam sentir que são protegidos. Assim os pais, embora sempre agindo como amigos compreensivos, não podem abdicar de sua posição de pais, isto é, de educadores, protetores, guias, disciplinados. Os filhos, para sua própria segurança, precisam de regra. Mas regras devem ser impostas, quando os pais acreditam nelas e nelas vêem um significado. Afirma Thiessen e Benal (2000, p. 146), “As atitudes dos pais, transmissores de seus sentimentos e convicções são, desta forma, o fator formativo de maior profundidade”.

Ao impor regras, os pais necessitam de uniformidade, serenidade e firmeza em sua ação. A infância precisa de certas regras em que se apóie, mas não de um código rígido que a enquadre como tropa e exerça sobre ela pressões, inibindo-lhe completamente a espontaneidade. É preciso saber o que é certo e o que é errado, mesmo porque a expectativa e a incerteza geram angústia. Segundo Teles (1983, p.114) “Fiscalização, policiamento e código rígidos são nocivos, reprimem e transformam, emocionalmente”.

Portanto, é impossível educar sem frustrar, pois que a própria vida é cheia de frustrações e aquelas criaturas que não se acostumam a elas no processo de sua evolução psíquica, desenvolve um nível baixo de tolerância que pode, facilmente, levar o indivíduo a neurose. Mas as frustrações que somos obrigados a provocar nos educandos devem sempre ter significado e contribuir para uma continuidade mais suave e coerente no processo evolutivo. Devem, também, ser restritas ao inevitável. “As crianças devem ser levadas a compreender as intenções do educador, pois, só assim, se esforçarão por atendê-lo e amá-lo”. (Cardoso, 1967, p.194).

Que o nosso sim seja sim e que o nosso não seja não. Isto não só é válido, como essencial em matéria de educação. Os valores não podem mudar ao sabor das circunstâncias. Isto desorienta as crianças e os jovens e os leva a atitudes de oposição, críticas, sarcasmo e desconfiança.

Ao tratar com os filhos, a atitude dos pais deve sempre ser de justiça, respeito, lealdade e sinceridade. Uma criança não deve jamais ser iludida e

suas peculiaridades devem ser aceitas e respeitadas. A ela deve ser dada a oportunidade de escolher e traçar os seus rumos, mesmo em coisas que pareçam sem importância. Pai não é carrasco, tirano ou ditador, mas amigo e conselheiro. (Sabini, 2001, p.95).

4.1 Conversas com Os Filhos

Desde cedo os pais devem se acostumar a conversar com os filhos. Pai que só fala com filho para dar ordens, reprovar, fazer acusações e pregar sermões, jamais terá nele um amigo: e poderá viver, um dia, a triste experiência de perceber que a comunicação com o filho é impossível, pois o contato se perdeu ou jamais existiu.

A conversa com a criança ou com o jovem deve ser, principalmente, uma demonstração da compreensão e da aceitação do fato de que eles têm dentro de si, impulsos destrutivos e que vivem problemas.

Não se deve nunca conversar com o filho em tom superior, de quem sabe tudo ou é infalível. Dialogar é trocar idéias, escutar, expor e comentar. Escutar é, sobretudo, importante. Pode-se orientar e ajudar o filho muito mais escutando do que falando. O tom da conversa deve ser sempre ameno, sem qualquer exaltação. Se o filho perde o controle em uma conversa, os pais não devem nunca fazê-lo. É bom que a criança ou o jovem sintam que os pais são seguros naquilo que pensam e que agem com a tranquilidade de quem tem certeza do que faz. Segundo Ginott (1966, p.117) “A conversa com a criança é uma arte única, que possui suas próprias regras e significações, pois as mensagens infantis estão, muitas vezes, em códigos e precisam ser decifradas”.

Um ponto muito importante em nossas conversas com os filhos, sejam crianças ou adolescentes, é aquele que se refere aos elogios e as críticas. Não deve-se nunca expressar opiniões positivas ou negativas sobre a personalidade, mas sobre a ação. Jamais dizer que o filho é formidável, extraordinário, gênio ou mentiroso, burro e sem consequência. As expressões altamente positivas sobre seu caráter podem criar nele ansiedade, pois sentirá

não corresponder ao conceito formulado. Ou fará esforço além do que lhe é possível, para corresponder. Já aos conceitos depreciativos criam nele um eu fraco, uma auto-imagem baixa, sentimentos de insegurança, inferioridade e revolta. Segundo Baldwin (1989, p.125) “No relacionamento pais e filhos a conversa amistosa é indispensável para que os pais escutem atentamente e respondam solícitamente”.

4.2 Problema de Autoridade dos Pais

A autoridade é imprescindível para quem precisa impor regras. É, entretanto, um direito do qual os pais não podem jamais abusar. A autoridade deve se basear no amor e no respeito e ser um processo de colaboração e incentivo da responsabilidade. Filho não é coisa que se possui ou se retém, mas pessoa humana, cujo destino é o mundo e o futuro. A autoridade é conquista e pode ser organizada dentro de cada família sem nenhuma dificuldade. Segundo Maldonado (2002, p.134) “Às vezes mascarado pela vontade de ajudar, senão desejo de controlar e transformar o filho em robô”.

O principal fundamento da autoridade dos pais deve ser sua vida e seu trabalho, sua personalidade e sua conduta. A autoridade afetiva e efetiva é a que inspire, oriente e dirija aos filhos para seu próprio desenvolvimento, é a autoridade ideal. Uma criança não pode ser educada sem receber ordens. Deve ser tolerante nas coisas sem importância, mas exigente e mesmo intransigente nas coisas fundamentais. Nem licença, nem a contrição concorrem para o equilíbrio mental. “A tirania e superindulgência são os perigos da autoridade”. Afirma Teles (1983, p.118).

A questão autoridade sugere o seu correlato, a obediência. E com relação a isso deve-se lembrar que a obediência não é uma virtude ou uma qualidade que deve ser cultivada ao longo de toda vida. É apenas uma contingência prática durante a infância, a criança tem de obedecer porque ainda não é capaz de tomar decisões autônomas, nem de compreender, por si só, o que é melhor para si mesma e para os demais. A medida que ela cresce e adquire maturidade e capacidade de julgamento, a obediência vai se

tornando cada vez mais supérflua, até chegar a fase adulta, em que o critério moral próprio e uma autêntica disciplina interior substituem o acatamento puro e simples à vontade e as suas determinações alheias. É difícil, pois senão impossível, fazer de seu filho um futuro adulto independente, criterioso, capaz de iniciativa e amante da liberdade, se você lhe apresentar a obediência em termos de valor moral. Teles (1983, p.115), “O exemplo constrói mais depressa e mais fortemente do que conselhos e advertências”.

Quanto maior for a indulgência paterna em questão em que é possível ceder sem prejuízo para ninguém, maior será a disposição infantil para aceitar as limitações necessárias.

5. DEMANDA SOCIAL

5.1 A Socialização do Indivíduo Põem em Ação Os Ideais Educativos

Quando pensamos em realizar uma tarefa da importância da educação, vem à mente a questão fundamental; por que e para que educar? Para socializar e definir os fins educativos que nortearão os procedimentos necessários a consecução desses mesmos fins. Tendo em vista essa definição de educando, a educação fixa os fins que visam, preferencialmente, a conferir-lhe uma formação que o capacite a desfrutar a existência da melhor maneira possível no que respeita a evidência social, intelectual, física e moral.

De acordo com esses conceitos de educando, a educação estabelece os fins que visam a oferecer-lhe, os recursos educativos para formar-lhe a personalidade, que darão resultados mais satisfatórios no seu esforço de auto-socializar-se. Educar, pois, dentro de uma visão mais abrangente é não só oferecer os conhecimentos intelectuais como também envolver o educando em uma atmosfera de responsabilidade, de respeito à vida, de fé em Deus, de consideração e amor aos semelhantes, de valorização do trabalho honesto e de integração consigo e com o próximo, o único programa compatível com as convicções do homem íntegro. Freire (1996) afirma, “Se respeita à natureza do ser humano, o ensino dos conteúdos não pode dar-se alheio à formação moral do educando. Educar é substantivamente formar”.

O processo de aprendizagem requer ação do próprio indivíduo disposto a realizá-lo. A educação é, em última análise, um esforço auto-educativo, pois que só se socializa quem se educa. Possuindo o livre-arbítrio, a criatura decide quanto a seguir este ou aquele caminho, a eleger determinado lema de vida, a perseguir este ou aquele. Depende, pois, do indivíduo, e só dele, o ideal de vida que cultiva e os propósitos que norteiam sua vontade.

Cumprir notar que essas afirmativas não constituem opinião pessoal, porque todos podem chegar a essas conclusões observando a variação de

condutas dos indivíduos, que receberam os mesmos recursos educativos no seio de família e que têm procedimentos os mais diversos.

Dentro dessa linha de raciocínio, poderíamos perguntar como fica a ação educativa, como se justificam os esforços que se despendem para educar as novas gerações, os exemplos e os estímulos que se oferecem aos educandos a par dos conhecimentos morais e culturais com que se lhe enriquece a vida?

A educação é força capaz de impulsionar o progresso do homem em todos os aspectos e que os estímulos, que a ação educativa oferece às criaturas, muito contribuem para o seu aperfeiçoamento e realização.

Não obstante livre para decidir, a criatura humana é sensível às sugestões que emanam dos ambientes que a cercam e, se não fora isso, não encontraria os recursos necessários ao seu auto-conhecimento, como também é sensível as sugestões negativas com as quais entra em contato. Os bons e maus exemplos, as boas ou más sugestões podem influir no comportamento do indivíduo que deverá seguir uns ou outros, segundo o veredicto de sua própria consciência.

A noção do bem e do mal existente no íntimo de cada criatura humana, concede-lhe os recursos para se decidir quanto ao que se deve inclinar, mas não dispensa a educação, porque esta o estimula, o impele, por assim dizer, a renovados raciocínios, encaminhando-lhe mais dilatados horizontes de vida.

É, pois, de grande importância o concurso da educação na socialização do homem porque constitui um apreciável reforço a sua vontade e decisão de integração a sociedade hodierna. O que se quer evidenciar é ela, a educação não pode agir contra a vontade daquele que se educa, resultando daí a responsabilidade de cada um na grande caminhada para formação das faculdades intelectuais.

De acordo com os ideais com que se ilumina a ação educativa, isto é, conforme o ideal educativo que cada um possui, assim varia a força da educação. Educação que visa tão somente aos interesses imediatistas, tais como evidência social, dinheiro, com exclusão de valores morais e sociais, tem

por certo, pouca capacidade de ação em termos de socialização ao ser humano.

Uma filosofia de educação é necessária, aliás, imprescindível, para que educação cumpra a tarefa de impulsionar o conhecimento da humanidade, a ética pode iluminar a educação com uma filosofia que transpõe todos os imediatismos, que transcende a todos os limites, que descortina os mais amplos horizontes, que atende aos mais nobres interesses e que se reveste de um ideal capaz de estimular o verdadeiro progresso. Freire (1996, p.70) “Não é possível pensar os seres humanos longe, sequer, da ética, quanto mais fora dela”.

É que ética, dilatando as fronteiras da educação por informar que ela se exerce com maior abrangência e lhe aponta objetivos de grande alcance e valor moral. É que a educação não começa no berço, mas antecede ao nascimento e segue na esteira infinita do tempo. Porquanto, aquele que se educa tem pela frente tempo suficiente para atingir o ideal da educação a luz do saber.

Persegue objetivos de longo curso, põe em ação todo o seu potencial com vistas ao alcance dos mais puros ideais de vida. Sabe para onde vai e quem sabe para onde se encaminha, por certo, dará passos mais seguros e contornará muitos obstáculos. A socialização do indivíduo que põe em ação os ideais educativos cumpre sua missão quando procura promover a integração do educando consigo mesmo e com o próximo e proporcionando-lhe o conhecimento que o transforma em sujeito social. Segundo Paín (1985, p.11) “o indivíduo, a medida em que se sujeita a tal legalidade, se transforma num sujeito social, e se identifica com o grupo, que com ele se submete ao mesmo conjunto de normas”.

Desdobrando esses objetivos gerais de longo prazo em objetivos específicos, atingíveis a médio e curto prazo, a formação infanto-juvenil vai seguindo sua trajetória, oferecendo as mentes infantis e juvenis os recursos de uma eficiente educação, porque embasada na filosofia moral que considera o educando durante sua experiência na vida e lhe aponta sólidos motivos para

desejar a realização da maior conta possível de progresso dentro das oportunidades, que lhe são oferecidas.

A educação, embasada no conhecimento da ética e da moral, assegura, sem sombra de dúvida, o pleno aproveitamento da vida porque direciona os passos da criatura humana par as conquistas dos bens anelados. Quantos dissabores futuros poupam àqueles a quem beneficiou desde a primeira infância, pois o homem educado obterá na vida os melhores resultados para a sua realização.

Indubitavelmente, a época mais propiciada para a educação da criatura humana é a da infância e da adolescência. É nesse período do desenvolvimento humano que a educação atua com maior eficiência e deixa, indeléveis, as suas marcas. Fora desse modo de entender não há progresso educativo que possa atingir os fins colimados, por mais esforço que se façam, não é possível formar uma grande consciência do desenvolvimento do sentimento coletivo e do espírito de cooperação nos indivíduos associados, sem lhe oferecer, com base educativa, o conhecimento da ética.

Com essa base, os componentes das novas gerações, ao freqüentarem as escolas regulares de ensino, saberão selecionar o que mais lhe convém ao progresso como seres imortais. Esse fato, por si só, representa um grande auxílio para o aprendizado do educando, porquanto o livra de absorver uma série de conceitos de materialidade que lhe cegariam o entendimento e lhe obliterariam a razão.

Segundo Teixeira (2003, p.24) “Todos sentem a necessidade de educar as novas gerações dentro de padrões mais humanos e de idéias mais espiritualmente sem atinarem, todavia, com o modo de proceder. Não são poucos os que se engajariam em um programa que se propusesse iluminar a educação com conceitos mais dilatados que ultrapasse, até mesmo, os limites da vida física. Há uma consciência instintiva a alertar-nos sobre novos rumos no que tange a nossa preparação para a nossa vida. E essa relação de criaturas, que assim pensam, não figuram somente correntes filosóficas, mas também eminentes educadores que, inconformados com o imediatismo da educação moderna, cujos horizontes estão cada vez mais limitados”.

No entendimento desses e de outros homens esclarecidos, não há como confundir instrução com educação, a primeira se reporta ao progresso de transmissão do conhecimento ou da informação; e a segunda, que engloba a primeira, vai mais além, pois trata da edificação moral e espiritual do homem, abrangendo o vasto campo de sua formação infantil.

A medida, todavia, que a educação se desenvolve, novas formas de ação, novos enfoques e novos procedimentos didáticos serão adotados de acordo com as exigências da época, mas o fundamento, que é o ensino dos princípios morais, continuará subsistindo como alicerce irremovível da formação de crianças e jovens que compõe as gerações novas e dos que lhe vierem reforçar as fileiras, no porvir, o Brasil beneficiar-se-á com as transformações dos indivíduos, os quais se revelarão aptos a integrar e representar na Terra uma nova ordem social na qual a criatura humana terá seus direitos respeitados.

Quando se fala em desigualdades sociais neste país, fica-se a imaginar que, se avança muito na Educação Infantil, temos de compreender que a desigualdade existe nesse campo também, as famílias que mais podem e tem recursos colocam, logo de início, as crianças na escola, enquanto o pobre depende, exclusivamente, do poder público.

Ninguém compreende o desenvolvimento de um povo, de uma nação, se não por meio do caminho da educação. A realidade do mundo, desde os seus primórdios, ensina-nos tal caminho. E parece que nós, os homens da atualidade, embora acreditando e tendo consciência disso, não fazemos aquilo que é necessário para que isso ocorra o mais rápido possível. Educação e cuidado na primeira infância, grande desafio que precisa ser bem debatido e bem encaminhado, particularmente a Educação Infantil, que é a base e o início de tudo. Segundo Driscoll (1983, p.24) “Na infância, portanto, os alicerces da personalidade são elaborados e certas configurações fixadas”.

Vemos a Educação Infantil como a construção dos tempos presentes, preocupa-se, sobretudo, com a criança socialmente vulnerável, que pode estar na rua enquanto os pais trabalham, enfrentando dificuldades de várias ordens. Preocupa-se com a criança que precisa tecer, desde cedo, o êxito na educação,

que se projetara imediatamente no Ensino Fundamental e nos níveis posteriores de escolaridade. Daí ser a Educação Infantil a construção do presente.

A família é a instituição primordial do cuidado e da educação das crianças pequenas. Seu papel é essencial na sobrevivência física, na realização emocional, na socialização e na estruturação inicial da inteligência e na aprendizagem básica. Ela atua na raiz mais profunda do ser humano, lá onde se constrói o sentido mais íntimo da existência, mas a família foi sendo expropriada, aos poucos, das condições materiais para o exercício desse papel. A urbanização e o trabalho afastaram pais e crianças. A participação da mulher no trabalho extradomiciliar evidenciou com mais dureza os problemas dessa separação durante 10 a 12 horas por dia, exatamente no período em que as crianças estão despertas e necessitam de atenção, cuidados, carinho e educação. A transformação estrutural da família, passando de extensa para nuclear, contribuiu para que as crianças ficassem sós. Segundo Lima (1967, p.23) “Só uma sociedade baseada na independência da família pode ser uma sociedade justa e feliz”.

Esses fenômenos puseram em evidência a criança carente de cuidados e educação e a necessidade de os pais encontrarem estruturas sociais de suporte para atender aquelas necessidades de seus filhos. As instituições de Educação Infantil, como creche, pré-escola e outras equivalentes, como Jardins de Infância, centros de desenvolvimento infantil, brinquedotecas com finalidades abrangentes, surgiram como resposta a essa demanda. Mas não alcançaram atender toda a demanda, que é um imperativo da justiça social.

Portanto, a prioridade a ser dada a Educação Infantil é um imperativo de natureza ética, social e política, quando se tem em vista a construção de uma democracia de fato, que amplie as oportunidades para todos e elimine o fosso que separa os mais pobres dos mais ricos deste país. Neste sentido, temos de enfrentar, com toda a seriedade e firmeza, os grandes desafios que caracterizam a expansão e a melhoria da Educação Infantil no Brasil. Segundo Gadotii (2002, p.42) “Na verdadeira democracia todos têm direitos à boa educação, à cultura, à alimentação, à saúde e ao trabalho”.

Os que trabalham em Educação Infantil estão convencidos de que o cuidado e a educação da criança nos primeiros anos de vida exercem influência decisiva sobre toda aprendizagem e o desenvolvimento posterior, mas elas se deparam, freqüentemente, com pessoas leigas e com profissionais de diversas áreas de formação que desconhecem o quanto a fase inicial das primeiras experiências infantis e a educação nos primeiros anos marcam e estabelecem condições para o que vai acontecer ao longo da vida. Constata-se no Brasil em progresso bastante grande na consciência social sobre o significado dos primeiros anos de vida e sobre a importância da educação a partir do nascimento.

A educação nos centros de Educação Infantil não substitui, e sim, complementa a ação da família, da necessidade de estarem ambas em sintonia, assegurando coerência de mensagens e comportamentos diante da criança. A família continua sendo a instituição primordial no cuidado e educação da criança.

Embora a escola vá produzir um grande e inesquecível impacto na criança, que a marcará por toda a vida, o progresso educacional de alguém não começa e nem termina e nem se reduz a escola. Seres humanos são seres sociais que nascem dentro de uma cultura. A primeira dimensão desse processo cultural é desenvolvida dentro de casa na relação da criança com aquelas pessoas que tomam conta dela, pai, mãe (biológicos ou não), babá, avó. O que determina sua completa dependência dos cuidados de alguém. Porém configura a necessidade de uma relação afetiva. A relação da criança com as pessoas que lhes são próximas, pais, mãe e babá é caracterizada pela presença de afeto. "Crianças que são negligenciadas em relação a um afeto podem desenvolver grandes problemas emocionais. (Popovic, 1968, p.112).

A ampliação do espaço afetivo da criança acrescenta a possibilidade de outros vínculos. Na verdade a pré-escola é uma extensão da estrutura familiar que vai preparar a criança para a transição entre a casa e a escola. Uma diferença entre espaço familiar e escola concerne a própria função materna. A mãe não precisa ter entendimento intelectual sobre seu trabalho de mãe, uma espécie de estrutura biológica tende a torná-la naturalmente orientada em

relação ao seu bebê. Na prática, qualquer criança em idade pré-escolar e, em certos momentos é, de certa forma, uma criança que necessita de amor maternal. Pode haver e, freqüentemente, há em maior ou menor grau, uma situação de fracasso da função materna. E a pré-escola pode ser o ambiente onde isso pode ser ocorrido, se o fracasso não for muito severo.

Enquanto as classes mais bem aquinhoadas conseguem colocar seus filhos em uma dessas instituições, as famílias mais pobres não encontram o caminho de uma creche do pré-escolar pública. Ou deixam-nas sozinhas ou impõem aos irmãos de 7 a 11 anos de idade a responsabilidade de cuidar deles. Quanto a ficarem sozinhas, além dos riscos de acidentes, o sentimento de abandono e a falta de adultos mediadores do processo de aprendizagem. Se participar de um ambiente de Educação Infantil qualificado aumenta as possibilidades de aprendizagem e desenvolvimento, ser privado dele é fator de discriminação frente aquelas crianças que têm tal oportunidade, que passa a ser privilégio. Embora o setor público privilegie em seus programas as classes mais necessitadas, na prática a creche e a pré-escola pública não alcançam os mais pobres. A infância tem necessidade que precisam ser satisfeitas hoje.

CONCLUSÃO

O homem tem infinitas potencialidades que se desenvolvidas, lhe permitiriam ser mais inteligente, alegre, criativo, livre e confiante. No entanto, ver-se dia-a-dia mais inseguro, cheio de medo e hostil, ansioso, enfim. Quais as verdadeiras causas da ansiedade que se alastra como uma epidemia pestilenta pelo mundo moderno? Porque a vida, que poderia ser uma aventura, facilmente se torna um empreendimento sem significado, obrigando as pessoas a buscarem os mais estranhos e paradoxais meio de fuga? A resposta não pode, de certo, ser simples, como simples não é o contexto dentro do qual se desenvolve essas reações patológicas.

O avanço rápido do conhecimento e da técnica, que deveriam, pela lógica, ser instrumentos da felicidade do homem, vem tornando impessoal a existência humana, fazendo com que o indivíduo perca a significação. Esta, talvez, seja uma das premissas das quais se deve partir para chegar a uma conclusão. Poderá o homem suportar a angústia de deixar de ser “um”, importante por si mesmo, por ser o que é? A dignidade e a liberdade humana não estarão sendo ultrajadas, quando o homem passa a importar apenas como fonte de produção ou como foguete de forças econômicas e políticas? E poderá ele viver sem a sua liberdade e a sua dignidade?

O homem, porém, não pode desenvolver e realizar o que existe nele em estado latente, fora de uma cultura organizada; uma estrutura altamente repressora e competitiva que cria no homem a necessidade de medir-se com o mundo, sufocando-lhe a independência interior, a espontaneidade do sentimento e a sinceridade, só pode ser destrutiva. Uma cultura que acoberta a realidade humana com véus mistificadores, endeusando a racionalização e as ideologias, ao mesmo tempo que ignora as raízes emocionais do homem só pode criar a divisão entre este e o mundo exterior, impedindo a experiência da unidade e da integração.

A ansiedade, como se tem procurado demonstrar é, basicamente, um resultado da educação inadequada. Esta educação, porém não é dada apenas pela família, embora achando que ela seja o seu principal veículo, tenhamos procurando ressaltar a sua importância; ela é dada por toda a sociedade, através da pressão e do estímulo exercidos por todos os seus agentes. Os próprios pais que abrangem todo o mundo social da criança pequena são frutos de uma sociedade que determina e age como transmissores de seus valores. E é lógico que, se essa sociedade está “doente” e os seus valores são vacilantes, fatalmente os seus membros receberão o “germe” da ansiedade e apresentarão toda síndrome do processo. Entretanto, além da dimensão social da educação, existe a dimensão pessoal, recriada pelas experiências individuais, que se fazem no seio de cada família e pelo interrelacionamento, carregado de expressão emocional entre pais e filhos. Assim os indivíduos, dentro da unidade celular da família, de uma certa forma, reconstroem a cultura. Em última análise, pois, se a personalidade é configurada a partir das atitudes dos pais, a ansiedade decorre, principalmente, das experiências do período de desenvolvimento”.

É preciso lembrar ao educar, que somos filhos do nosso tempo: somos diferentes das gerações passadas, sendo diversos os panoramas sociais, os fatos, as coisas, os estímulos, as influências, os valores. Educar não consiste em por o educando em um meio artificial e asséptico, mas orientá-lo de modo que saiba situar-se diante das realidades, pronto para enfrentá-las de maneira positiva.

Não é possível haver vida social sem repressões e frustrações, estas, porém, devem reduzir-se a um mínimo tolerável e, sempre que possível, ser devidamente canalizadas. Um dos fatores desencadeantes das desordens do mundo atual é exatamente a excessiva repressão que, durante séculos, foi exercida sobre os indivíduos.

A educação precisa desenvolver a capacidade plena dos sentidos do homem, para obter um desenvolvimento maior da inteligência e uma maior abertura para o mundo e os outros indivíduos. A restrição da imaginação infantil, a ameaça da liberdade interior da espontaneidade, do sentimento de

segurança e a confiança em si própria, cria na criança a hostilidade que reprimida, se tornam fonte de ansiedade, com os seus concomitantes, o medo, a desesperança e o isolamento.

Enquanto o mundo moderno discute novas formas de união entre o homem e a mulher, e novas posições diante da prole, as pessoas continuam casando e dando a luz filhos e os criando em um clima de dúvidas e em uma estrutura vacilante. É preciso acordar para esta realidade e lembrar que ninguém tem o direito de destruir uma promessa de felicidade ou uma alma humana. Com isso queremos dizer que a harmonia, o equilíbrio e a maturidade da relação amorosa do casal, seja em que esquema for, é imprescindível para o bom desenvolvimento da criança.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BEE, Helen. **A criança em desenvolvimento**. São Paulo: Artmed, 2003.
- BARROS, Vera; BOSSA, A. Nádia. **Avaliação psicopedagógica da criança de zero a seis anos**. Petrópolis, 1965.
- CONGER, Mussen. **Introdução a psicologia das relações humanas**. Rio de Janeiro. 1965.
- CARDOSO. Ofélia Boisson. **Problemas da adolescência**. São Paulo: Edição Melhoramentos, 1965.
- CIRIGLIANO, Gustavo. **Fenomenologia da educação**. Petrópolis: Vozes Ltda, 1983.
- DREIKURS, Rodolf. **Como educar nossos filhos nos dias de hoje**. Rio de Janeiro: Record, 1964.
- DROUET, Ruth C. R. **Distúrbios da aprendizagem**. São Paulo: Ática, 2003.
- DRISCOOLL, Gertrude. **Ajustamento sócio-emocional da criança**. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1983.
- ESTIVES, Nelson Rosamilha. **Psicologia da ansiedade infantil**. São Paulo: Livraria Pioneira, 1998.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- FERNANDEZ, Alicia. **A inteligência aprisionada**. Porto Alegre: Artmed, 1991.
- FELTRIN, Antônio Efro. **Inclusão social na escola**. São Paulo. 2004.
- GINOTTI, Hain. **Entre pais e filhos**. Rio de Janeiro: Edição Bloch, 1966.
- GADOTTI, Moacir. **Histórias das idéias pedagógicas**. 5 ed. São Paulo, 1995.
- HARLAN, Jean D. **Ciências na educação infantil**. 7 ed. Porto Alegre: Artmed, 2002.
- INKELES, Alex. **O que é sociologia?** São Paulo: Livraria Pioneira Editora, 1971.
- LIMA, Alceu Amoroso. **A família no mundo moderno**. 2 ed. Rio de Janeiro: Livraria Agir Editora, 1967.

LÍRIO, Passos. **Deficiências intelectuais da criança**. Rio de Janeiro: Edição Fundo de Cultura, 1965.

LECHE, Sofia; ALBUQUERQUE, Maria Gláucia Meneses. **Política e planejamento educacional**. Fortaleza: Edição Demócrito Rocha, 2004.

MALDONATO, Maria Tereza. **Comunicação entre pais e filhos**. 26 ed. São Paulo: Saraiva, 2002.

PAIN, Sara. **Diagnósticos e tratamento dos problemas de aprendizagem**. 4ª Edição. Artmed. Porto Alegre. 1992.

POPPOVIC, Ana Maria. **Alfabetização e disfunções psiconeurológicas**. São Paulo: Vetor, 1968.

PILETTI, Nelson. **Psicologia Educacional**. 4 ed. São Paulo: Ática, 1986.

RAMOS, Lucir. **Estudo pedagógicos**. Rio de Janeiro. 2003.

SOUZA, José Maria Fialho. **Estrutura e funcionamento do ensino fundamental**. Fortaleza, 2002.

SABINI, Maria Aparecida Cória. **Fundamentos de psicologia educacional**. 4 ed. São Paulo: Ática, 2003.

SOLTZ, Wicki. **Liberalismo x Repressão** – Editora Record Rio de Janeiro – 1968.

TELES, Maria Luiza Silveira. **Uma introdução à psicologia da educação**. Petrópolis: Vozes, 1983.

THIESSEN, Maria Lucia e BEAL, Ana Rosa. **Pré-escola. Tempo de educar**. São Paulo: Ática, 2003.

TEIXEIRA, José Raul. **Desafios da vida familiar**. Niterói. Rio de Janeiro: Frater, 2003.